

Com ou sem a Companhia

# A minha "doença" chama-se dançar

## -Casimiro Nhussi, a maior estrela masculina do bailado nacional

Domingo 29/3/87



por Albano Naroromele (texto.) José Machado e arquivo (fotos)

Não haverá motivo capaz de me afastar da dança. Com ou sem a Companhia, eu vou dançar. Enfim, cada um tem a sua «doença». A minha chama-se dançar. — *Palavras de Casimiro Cosme Nhussi, jovem de 22 anos de idade, natural de Cabo Delgado, residente em Maputo, a maior estrela masculina da Companhia Nacional de Canto e Dança.*

Encontrei Casimiro Nhussi arrastando as suas inseparáveis chinélas na Av. Ho Chi Minh. Caminhava cabisbaixo em direcção ao seu cubículo de repouso, que é um quarto na antiga Pensão Imperial, agora um edifício sem classificação nem manutenção, a verter água por todos os cantos da entrada e deixando penetrar sinistros silvos de vento através das janelas partidas e pelas escadas escuras fora.

Vinha cansado dos últimos ensaios da Companhia Nacional de Canto e Dança, antes da sua partida para a Swazilândia, onde a instituição artística inaugurou a temporada do presente ano. Vinha cansado, mas nem por isso mal disposto.

Aliás, essa coisa de «cubículo de repouso» não é bem isso: lá dentro há música e da boa, cammas mais ou menos desleixadas «artisticamente», fogão para aquecer chá, que é servido rotativamente em copos que não chegam para todos. Casimiro Nhussi partilha o quarto com outros artistas, entre eles o seu irmão Atanásio — duas mesinhas para fins diversos e imprevisíveis e duas cadeiras semi-coxas. Uma delas serve geralmente de assento para os visitantes durante uma inevitável partida de damas — num tabuleiro velho com tampas de cerâmica a servir de pedras — enquanto os simpáticos anfitriões sentam-se no chão da varanda descontraídos e aparentemente felizes da vida.

A outra cadeira fica no quarto, porque este é também a sala de visitas. Sentado nessa outra cadeira, ouvi Casimiro Nhussi a falar de si e da sua carreira, depois de lhe servir um «Suaves», já que o artista desistira de procurar em vão um cigarro, dentro de um saco que já não tinha «nada de fumar», ao lado, na cama que lhe servia de cadeira.

— Isto começa de muito longe — diz ele depois de introduzida a conversa sobre a sua carreira. — E não fui eu quem comecei, mas o meu pai, que ainda hoje continua a dançar mapiko, dimbondi, xidiba, etc. Quase todos

nós somos da dança, toda a família dança.

Mas ele, Casimiro Nhussi, só se apercebeu que a dança era «coisa do sangue» na Tanzânia, onde cresceu e formou o seu primeiro grupo amador de mapiko, xidiba e danças tanzanianas. Desde então nunca mais se separou da dança, quer em 1977 quando regressou para Muçanga, onde nasceu, quer em 1979 já em Maputo. Aqui criou, juntamente com alguns amigos, um grupo jovem de dançarinos de zinguengue e limbondi, que fazia competições na zona militar, aos fins-de-semana, com um outro agrupamento oriundo de Boane.

— Não haverá motivo capaz de me afastar da dança — afirma Casimiro com convicção. — Só

ouvindo tambores, músicas tradicionais é que me sinto bem. A minha vida pertence à dança em particular e à arte em geral. Por isso, eu vou dançar sempre, com ou sem a Companhia. De resto, na Companhia só enriqueci a minha cabeça. Antes sabia dançar apenas as danças de Cabo Delgado. Agora executo qualquer dança moçambicana.

Casimiro Nhussi é um dos fundadores da Companhia Nacional de Canto e Dança. Para lá foi «pescado» entre os alunos da «Nordeste-2», durante os 3.º Jogos Escolares de 1981, depois de ter sido atentamente «espia» a sua habilidade de dançarino por Raul Baza, que o «denunciou» à instituição.

### LUMA ESTRELA AFRICANA

A última vez que vi Casimiro em actuação foi no Teatro Avenida, numa das cenas da peça teatral «Qual é a coisa, qual é ela», do grupo Mutumbela Gogo. Executava, juntamente com Joa-



O artista Casimiro (ou Bzo Ndaita, o guerreiro traidor), interpretando com a dança uma cena de escravo no bailado «N'tsavy», o segundo da Companhia Nacional de Canto e Dança

mais ou menos recto e, como se não houvesse ossos lá dentro, descreveu um círculo maravilhoso no ar. Acto contínuo, pôs o pé desamparado no chão. E protestou: — «Neste momento, isto não entra na aula de preparação do corpo».

Aliás, Casimiro e o irmão, Atanásio Nhussi, estão a tentar orientar aulas com técnicas aproximadas à realidade africana. Os dois não são especialistas para tal, mas «temos uma necessidade de ultrapassar o problema».

— Bem, és capaz de falar sobre a Companhia? Ouvei dizer que vocês passam meses sem vencimento, há problemas de organização...

— Calma aí: não sei de nada. Não sou chefe. A falta de vencimento afecta a malta, mas se se ama a arte há que avançar. Não quero atrasar o meu trabalho pensando nessas coisas — respondeu-lhe, gravemente.

### UM JOVEM COM IDEIAS

— A juventude do meu País? Ai está o problema! Acho que a preocupação da juventude é chegar à fase de marginal. Esse mais jovem quando se diz «sou fora» e se é issormesmo. Eu não estou contra a moda, mas aqui no meu País eu sinto que os jovens gostam mais de ser norte-americanos, jamaicanos, Diana Ross's Tina Turner's, Michael Jackson's... Não sabemos o que pegar. Eu acho que não devíamos apañhar coisas por apañhar. Temos uma identidade, não?

— Sabes? — prossegue Casimiro. — Eu viajo e vejo como os jovens e as pessoas em geral se vestem nos outros países, como se relacionam. Eu não te vou apresentar uma zairota, uma zambiana. Tu próprio topas logo. Com o rosto de quem sente o coração trespassado por flechas de «fantasmas estrangeiros», Casimiro propõe, suspirando de incerteza: — Seria melhor se usassemos um traje nacional. E argumenta: — Talvez sejam extravagâncias universais, mas eu vi noutra dia no tra-jete um artigo escrito por ti, a respeito do escultor Matias Ndanda. Ele vestia a rigor um traje como isso não bastasse, com um pingão branco no belo suposto do casaco. Tu achas que não alguma coisa a ver com o lençinho?

— Ouça cá — esquivou-se aqui não respondo, só pergunto. E aí vai a última pergunta: como estás de política?

— Se danço, valorizo as danças tradicionais que os outros não gostam. Acho que isso é estar bem de política. Caso contrário, não percebo absolutamente nada disso — responde Casimiro, que, depois de vários segundos de ponderação silenciosa, desabafou: — Já que não quero responder, vou dizer-te uma coisa. Acabou-se o programa «Cultura Viva» na Rádio Moçambique e isso faz falta à malta. Entretanto, vocês nos jornais fazem mais de artistas de fora que de dentro.

quina Siquice, a maior estrela feminina da Companhia Nacional de Canto e Dança, um número de «ballet» montado pelos dois artistas e «inspirado nas danças tradicionais africanas».

— As danças africanas são semelhantes — adianta Casimiro. — Posso montar um «ballet» com base nelas todas. Mas já, por exemplo, no «Grito de Paz», nós executamos um «ballet» com movimentos europeus, embora a história fosse nossa.

— Queres dizer que existe um «ballet» africano? Ou há somente técnicas universais? — perguntei.

— Olha, eu não sei — responde sinceramente Casimiro. — Mas quero dizer-te uma coisa. Eu não estou muito seguro no «ballets», mas posso executá-lo, desde que me trabalhem. Quero dizer com isso que eu gosto da minha própria coisa. Em qualquer país africano posso aprender uma dança vento apenas, sem que alguém me trabalhe. Isso não quer dizer que não goste de troca de experiências. Gosto de ver uma dança europeia, mas, meu amigo, quando toca o tambor, tenho de dançar mesmo. Aquilo toca-me, é coisa que está no sangue. Não conseguiria ver só sem dançar.

Casimiro recusa-se a afirmar-se artista, porque pensa que «estamos a exercitar o corpo com técnicas europeias». E prossegue: — Os europeus não sabem mexer o corpo. Nunca os vi a mexer as ancas, são suaves, por exemplo no «ballets». Para nós, as ancas, as pernas são muito importantes. As nossas danças são o encontro da força, da virilidade. Só se existissem técnicas africanas de exercitar o corpo, eu dizia-te agora mesmo que já sou um artista feito. Mas uma coisa do outro é do outro.

Limite-me a aprender e gosto de aprender mais.

As linhas que estou a traçar podem ser assim suaves como o «ballet» europeu, mas a conversa com o Casimiro, essa não foi. Posso afirmar que 90 por cento do tempo em que durei o «papoz», este artista não esteve sentado. Ele vale-se do gesto, incluindo alguns passos de dança, para superar, com espantoso êxito, as suas dificuldades de se exprimir em português.

Para me mostrar como se devia preparar o corpo numa aula de dança xingomane, Casimiro levantou impetuosamente a perna direita, formando um ângulo